

# Ensaio sobre o ABSURDO

---

Carlos Roberto Ferreira de Castro

## 1. Introdução

*Ó minha alma, não aspire  
à vida imortal. Mas esgota o  
campo do possível.*

Píndaro

Somos sete bilhões de seres humanos vivendo neste planeta e, de acordo com a ciência atual, daqui a 150 anos estaremos todos mortos. Uma nova geração de seres humanos estará vivendo os conflitos de suas existências. Evaporamos desse mundo e nos transformamos nos elementos químicos dos quais somos feitos. A única realidade da vida é a certeza da morte. Qualquer que seja a nossa crença, não temos como fugir dessa angustiada sensação de que não estaremos mais aqui e que a vida segue o seu fluxo indiferente a bilhões de seres humanos mortos. É o vazio. Para o homem absurdo<sup>1</sup> não existe esperança<sup>2</sup> e nem consolação.

Dizem que a velhice é a melhor das idades. Não dá para olhar o meu corpo, sem sentir o horror dessa realidade e o que ela anuncia. A velhice é um processo humilhante para o ser humano, tanto biologicamente como socialmente, e para o homem absurdo ela representa a pior das idades.

O homem absurdo é contraditório em relação à morte. Não a deseja, mas a ideia de imortalidade, da mesma forma que a morte, é absurda para ele. Ele percebe que a vida não tem sentido e que ela pode ser vivida melhor por não ter sentido. Na verdade, *a percepção absurda é uma*

---

<sup>1</sup> Resolvi manter O homem absurdo por questão literária. Mas onde se lê: O homem absurdo deve ser entendido como: O ser humano. Não compactuo com o passado e nem com o presente no sentido perverso em que os homens trataram e tratam as mulheres.

O estudo realizado pelo Instituto de pesquisa aplicada (Ipea/2014), estima que 527 mil pessoas são estupradas no Brasil por ano (89% são mulheres). Isso significa que a cada hora 60 pessoas são estupradas.

<sup>2</sup> A nossa existência é dominada por desejos, esperanças e sentimentos primitivos.

Estar privado de esperança, não é desesperar.

<sup>3</sup> Bertrand Russell (1872-1970). Filósofo e matemático.

**constatação amarga da sua existência.** Para ele existem dois tipos de sentimento absurdo: o natural e o artificial. O natural pode surgir em qualquer pessoa e pode esbofeteá-lo na esquina de uma rua qualquer. O artificial, a mais terrível sensação de vazio e solidão, depende do conhecimento que se tem da vida através do estudo. Quem perceber esse sentimento estará a ele ligado para sempre.

“Nas relações humanas, devemos penetrar na intimidade da solidão de cada pessoa e falar a essa intimidade”<sup>3</sup>. Somos seres sociais, mas também indivíduos com segredos estranhos a nós mesmos. Guardamos em nosso silêncio coisas que somente o nosso silêncio nos protege.

**O sentimento absurdo não produz nenhuma filosofia para ser seguida.** Ele representa apenas uma descrição de um sentimento de alguém estranho a si mesmo e com a vida. Se você se sente assim é bom saber que você está aí, que você existe e que somos companheiros nessa viagem da Terra transladando ao redor do Sol a uma velocidade de trinta quilômetros por segundo. Não atenua a minha solidão, mas confesso que é melhor assim: com você.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. Primeiro momento

#### O MITO DE SÍSIFO

*O poder de um mito não está na sua veracidade, mas na sua credibilidade.*

*Marcelo Gleiser*

*Os mitos são feitos para que a imaginação os anime.*

Albert Camus

Os deuses condenaram Sísifo<sup>4</sup> a empurrar sem descanso um rochedo até ao cume de uma montanha. Chegando ao seu destino a rocha rolaria de volta e ele teria que descer até a planície para levá-la até o cume

---

<sup>4</sup> Este texto tem a sua inspiração no livro de Albert Camus: O mito de Sísifo.

da montanha novamente. A repetição desse processo mostra que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.

Existe um momento nesta rotina de subida e descida, em que Sísifo toma consciência de sua tragédia<sup>5</sup>. Esse acontecimento se evidencia no cume da montanha, nessa pequena pausa do seu esforço físico. Na vermelhidão do horizonte ele percebe a sua solidão, diante de um universo silencioso e indiferente. A vida é um acaso extremamente improvável. O sentimento absurdo começa a preencher os espaços vazios do seu corpo, anunciando a falta de sentido da vida. ***Tudo o que fazemos na vida é criar ilusões para reduzir a amargura da morte.*** Atormentado, Sísifo começa a questionar: Como recuperar a sua vida antiga? Como é que se continua? Ele começa a entender que não há mais volta. Existem coisas que o tempo não pode consertar. Alguns sentimentos são tão profundos, que são eternos. Sören KIERKEGAARD escreveu: “A angústia é a vertigem da liberdade”. Sísifo sente-se livre para escolher: Viver ou morrer<sup>6,7</sup>. Toda decisão leva à angústia. É preciso decidir para que a angústia desapareça. Uma brisa suave faz seu corpo estremecer. A náusea que sente o faz vomitar as máximas de Sidarta Gautama (Buda): 1) A vida é sofrimento; 2) Todo sofrimento vem do desejo; 3) É preciso eliminar o desejo para parar o sofrimento; e 4) A paz espiritual (o nirvana) se consegue com o conhecimento. Sua azia o faz expelir Arthur SCHOPENHAUER e Máximo GORKI quase ao mesmo tempo: “Para cada desejo que é satisfeito restam dez que não o são. O desejo é infinito e a realização limitada. A infelicidade, em geral, constitui a regra e a felicidade a exceção”. “Quanto menor necessidade tiver o homem, mais feliz se sentirá; quanto maior desejos tiver, menor será a sua liberdade”. Sísifo liberta-se de sua catarse<sup>8</sup> e chora. Sente-se humano, demasiadamente humano. Vê a sua pedra na planície e decide ir buscá-la. A vida é a morte constantemente adiada. Sísifo abraça a sua rocha, olha para a montanha e diz: É tudo o que tenho. O meu destino me pertence. Sem futuro, sem esperança e consolação ele retorna a sua rotina.

<sup>5</sup> Só se vive uma tragédia no momento em que se toma consciência da sua existência.

<sup>6</sup> A Organização Mundial de saúde (OMS) indica que há 1 suicídio no mundo a cada 40 segundos. Dos 194 países (da OMS), apenas 60 mantêm informações sobre o assunto. Ainda mais: Para cada suicídio cometido, muitos outros tentam a cada ano (tentativas não são computadas).

<sup>7</sup> O suicídio metafísico ou filosófico é um caso especial de negação da vida. Acredito que a maioria dos suicídios não têm esse significado. Nenhum suicida quer suicidar-se. Ele tem um problema, que uma vez resolvido o suicídio não seria mais desejado.

<sup>8</sup> Catarse: Libertação de pensamentos e emoções que estavam reprimidos no inconsciente, seguindo-se alívio emocional.

Qual é o tamanho da pedra que carregamos? A maioria dos seres humanos carrega uma pedra excessivamente pesada<sup>9,10,11</sup>. Trabalhamos todos os dias nas mesmas tarefas. Esse movimento de ida e volta do trabalho não é menos absurdo. A luta pela sobrevivência é a luta pelo dinheiro<sup>12</sup>. Como negar a influência que ele exerce nas pessoas e na sociedade de um modo geral. Obtê-lo tornou-se o objetivo, o resto são meios para alcançá-lo. Sísifo é igual a todos os seres humanos. Luta pelo mesmo objetivo, só que o faz sem ilusão e esperança; pois sabe que o abismo sob os seus pés poderá aparecer a qualquer momento.

Já se disse uma vez: Quando o mal não tem cura é preciso aprender a conviver com ele.

## 2.2 Segundo momento

*O HOMEM ABSURDO*  
*Existem duas maneiras de ver*  
*a vida. Ou tudo é um milagre,*  
*ou não existe milagre nenhum.*  
Albert Einstein

O homem absurdo nasce do tormento de Sísifo, mas existe outro cenário não menos perturbador.

Vivemos em uma galáxia com 100 bilhões de estrelas. O sistema solar translada ao redor do seu centro a uma velocidade de 220 quilômetros por segundo. Seu comprimento é de 100 mil anos-luz<sup>13</sup>. Existem cerca de 140 bilhões de galáxias e as mais distantes afastam-se de nós a uma velo-

---

<sup>9</sup> Um levantamento feito pela Organização das Nações Unidas (ONU), diz: A cada 3 segundos uma pessoa morre de fome no mundo e 1/3 do alimento produzido no mundo vai para o lixo.

<sup>10</sup> Milhares de seres humanos sobrevivem dos lixões das cidades. Alimentam-se (a melhor cozinheira é a fome), vestem-se e se protegem com os restos abandonados por outros seres humanos. Passam toda a sua existência nesta luta. É a tragédia sem consciência. Entretanto, carregam dentro de si, o que Sísifo não têm: A esperança.

<sup>11</sup> Às vezes até se está bem em meio a desgraça; pois há desgraça em toda parte.

Fiodor DOSTOIÉVSKI

<sup>12</sup> O dinheiro assemelha-se a água do mar; quanto mais dela se bebe, mas sede se tem. O mesmo vale para o poder e a glória.

<sup>13</sup> Unidade de comprimento, correspondente à distância percorrida pela luz no vácuo em um período de tempo de um ano. A velocidade da luz é de 300.000 quilômetros por segundo.

cidade próxima à da luz. Tudo o que vemos é o passado. O combustível do Sol vai acabar e a vida na Terra não será mais possível. Mais de 99,9% das espécies que já viveram na Terra não existem mais. Parece que a extinção é a regra. Um meteoro colidiu com a Terra a 65 milhões de anos atrás. Com a extinção dos dinossauros<sup>14</sup> a evolução das espécies encontrou um caminho que possibilitou o Homo sapiens.

Dentro deste cenário o homem absurdo sente-se estranho e solitário. Para ele o universo não estava grávido da vida e nem a biosfera da Terra do ser humano.

O homem absurdo abraça a sua pedra e luta contra a gravidade para conduzi-la até o cume da montanha, mas sabe da inutilidade de todo esse esforço. Sua realidade é esse destino inevitável: A morte.

Uma pergunta se faz necessária: Sísifo e o homem absurdo são alienados<sup>15</sup>? Qualquer resposta positiva só mostrará a precipitação na interpretação deste ensaio. Eles sabem que: “Em toda natureza o que vemos é luta, competição e conflito. Os homens lutam pela matéria, espaço e tempo dos outros. Em toda parte encontra-se opositores e morremos de armas em punho”<sup>16</sup>. Devemos pensar que eles são pessimistas diante da vida? Outro equívoco. Eles apenas percebem que a vida não tem sentido diante de uma morte certa e essa é uma constatação amarga de suas existências. ***Não produzem nenhuma filosofia para ser seguida, apenas descrevem esse sentimento absurdo de suas existências.***

Quatro dados são relevantes para a psicoterapia: “1) A inevitabilidade da morte para cada um de nós e para aqueles que amamos; 2) A liberdade de viver como desejamos; 3) Nossa condição fundamental de solidão e; 4) A ausência de qualquer significado ou sentido óbvio para a vida”<sup>17</sup>. Por quê?

Somos o século da solidão<sup>18</sup>. Estamos irremediavelmente só e, a maioria dos seres humanos, vivem uma vida de sofrimento, insatisfeitos consigo mesmos e com a vida que estão vivendo. O homem absurdo não tem medo da solidão, na verdade ela representa uma necessidade em sua vida.

---

<sup>14</sup> Seus descendentes estão entre nós: As aves.

<sup>15</sup> Indivíduos desligados dos problemas sociais e políticos.

<sup>16</sup> Arthur SCHOPENHAUER (1788-1860) – Filósofo nascido em Danzig (atualmente Gdansk, Polônia).

<sup>17</sup> Irvin YALOM (1931): Psiquiatra e escritor.

<sup>18</sup> O estranho nesta a afirmação é que, com a tecnologia atual, bilhões de seres humanos se conectam quase que instantaneamente. Entretanto, estamos vivendo uma realidade solitária, isolados em frente a tela de um computador.

A definição de homem absurdo é melhor evidenciada por CAMUS<sup>19</sup> “O homem absurdo é aquele que não acredita no eterno. Vive a sua vida sem se preocupar com o que virá depois da sua morte. Suas características principais são: A coragem e o raciocínio. A coragem ensina-o a viver com o que tem e o raciocínio aponta o seu limite”.

Em, Um Artista da Fome<sup>20</sup>, o jejuador se expressa assim antes de morrer: Não vejo nenhum mérito em minha capacidade de jejuar. Sou obrigado a jejuar-explica-porque nunca encontrei comida que realmente me agradasse.

O alimento oferecido ao homem absurdo foi: O sacrifício<sup>21</sup> e o abandono de todos os prazeres do mundo, objetivando uma vida feliz e plena na eternidade. O homem absurdo não consegue digerir bem esse alimento e optou por alimentar-se de uma vida terrena.

Disse um escritor na hora de sua morte: Fechem a janela é belo demais. O homem absurdo diz: Abram a janela é belo demais.

### 3. Comentário final

*A felicidade não é algo fácil;  
é difícilimo encontrá-la em  
nós e impossível encontrá-la  
em outro lugar.*

Nicolas Chamfort

Do ponto de vista da ciência, a vida humana não tem sentido algum. Somos o resultado de processos evolutivos cegos que atuam sem propósito ou objetivo. Nossas vidas não fazem parte de um plano cósmico. Se a Terra deixasse de existir, o universo seguiria em frente. Não fazemos falta. Portanto, qualquer significado que atribuímos para a vida é apenas ilusão. Freud<sup>22</sup> escreveu: “Não, nossa ciência não é ilusão, mas

---

Os nossos desejos reprimidos transformam nossas vidas em um pêndulo, oscilando entre o tédio, o sofrimento e a solidão.

<sup>19</sup> Albert CAMUS (1913-1960): Filósofo e escritor.

<sup>20</sup> Franz KAFKA (1883-1924): Escritor.

<sup>21</sup> Algumas pessoas vivem o Céu na Terra, com o sacrifício de bilhões de seres humanos.

<sup>22</sup> Sigmund FREUD (1856-1939): Médico e escritor.

uma ilusão seria procurar fora dela o que ela não pode nos dar”. Para o homem absurdo a ciência não é tudo, mas é tudo o que temos. Ele não foge dessa terrível realidade da vida, abraça a sua pedra e a conduz para o cume da montanha.

A luta do ser humano é contra a dor, o sofrimento e a procura por prazer. O bem-estar com a vida, com as pessoas, com a natureza e, sobretudo, consigo mesmo. É a procura da felicidade. Entretanto, felicidade não é uma coisa fácil de encontrar. Os parâmetros envolvidos para a sua obtenção são inúmeros e complexos. Interrogue um usuário de drogas<sup>23</sup> sobre o que o deixa feliz. Se ele responder que só se sente feliz quando está cheirando, devemos concluir que ele descobriu o segredo para a felicidade?

Os pesquisadores estão sustentando que a felicidade é determinada *principalmente* pela bioquímica. O nosso bem-estar subjetivo não é determinado por parâmetros externos, ele é dependente de várias substâncias bioquímicas; tais como: Serotonina<sup>24</sup>, dopamina e ocitocina. Assim, a felicidade começa dentro de nós e oscila em torno da quantidade dessas substâncias que possuímos, definidas por milhões de anos de evolução. Ainda mais: De acordo com a teoria do gene egoísta<sup>25</sup>, a seleção natural nos conduz a escolher o que é bom para a reprodução de nossos genes, mesmo que essa escolha seja ruim para o indivíduo. Somos manipulados pelo nosso DNA<sup>26</sup>, para atender os seus objetivos egoístas.

A maioria dos seres humanos acredita na vida após a morte. 95% dos Americanos acreditam que vão sobreviver à própria morte. Sísifo sente toda essa solidão cósmica e humana a sangrar seu coração. Democráticamente está fadado à solidão de seus argumentos. Por que ele não consegue aceitar essa assertiva? “A ausência de evidência não é evidência de ausência”<sup>27</sup>. Sísifo é prisioneiro da frase: *Para o possível existem regras*. Cada

---

<sup>23</sup> A droga é a decadência da sociedade. Milhões de zumbis humanos estão nesse momento vivendo uma realidade criada pelo seu cérebro, perturbados por essas drogas. Para o homem absurdo isso é mais sem sentido do que a falta de sentido da vida. O homem absurdo não tem medo de viver. Seu medo é dos seres humanos que se negam a viver dentro das leis estabelecidas.

<sup>24</sup> O Prozac eleva os níveis de serotonina para tirar as pessoas da depressão.

O sofrimento é parte da condição humana, tem início, meio e fim. A depressão é uma doença e representa a angústia da alma.

<sup>25</sup> Richard DAWKINS (1941): Zoólogo e escritor.

<sup>26</sup> Ácido desoxirribonucléico.

<sup>27</sup> Carl SAGAN (1934-1996): Astrônomo e escritor.

ser humano carrega consigo a sua própria tragédia. Ninguém poderá vivê-la por ele, mas é bom saber que existe alguém por perto.

Sísifo percebe que com a sua morte, tudo volta a ser como era antes do seu nascimento; a sua não existência. Tem a coragem de rebelar-se contra os deuses e encontra “forças” em si mesmo, para gritar o seu amor pela vida. Um amor humano, nascido dos seus tormentos. Um amor retirado de sua pedra, do seu suor e da desesperança. Sísifo encontra-se consigo mesmo. Percebe a sua solidão. Apesar de tudo, sente-se feliz. Por que não? Abraça o seu rochedo, mas não tem mais condições de carregá-lo. Suas células envelheceram. Uma lágrima rola sobre a sua face. Sem nenhuma lamentação, ele diz: Estou indo e deixo essa lágrima para vocês que ficam.

#### **4. Referências**

BUCKINGHAM, WILL, et al. O livro da filosofia. Editora Globo. São Paulo, 2011.

CAMUS, A. O mito de Sísifo. Ensaio sobre o absurdo. Edição Livros do Brasil-Lisboa.

COHEN-SOLAL, A. SARTRE. Editora L&PM. Porto Alegre, 1986.

DARWIN, C. Darwin. A vida de um evolucionista atormentado. Editora Geração. São Paulo, 2001.

DAWKINS, R. Deus um delírio. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

DAWKINS, R. O Gene Egoísta. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

DOSTOIÉVSKI, F. Crime e Castigo. Editora 34. São Paulo, 2001.

GLEISER, M. Criação Imperfeita. Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Editora Record. Rio de Janeiro, 2010.

GORKI, M. As minhas Universidades – Autobiografia. Editora Ediouro. Rio de Janeiro.

- HARARI, Y. N. Uma breve história da humanidade – SAPIENS. Editora L&PM. Porto Alegre, 2015.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2006.
- KONDER, L. Kafka. Vida e Obra. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1974.
- MARGULIS, L.; SAGAN, D. O que é vida? Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2000.
- PAWEL, E. O Pesadelo da Razão. Uma biografia de Franz Kafka. Editora Imago. Rio de Janeiro, 1984.
- SACKS. O. Tempo de despertar. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2002.
- SAFRANSKI, R. Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia. Editora Geração. São Paulo, 2011.
- SAGAN, C. Variedades da experiência científica. Uma visão pessoal da busca por Deus. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2008.
- SINGH, S. Big Bang. Editora Record. Rio de Janeiro, 2006.
- TODD, O. Albert Camus. Uma vida. Editora Record. Rio de Janeiro, 1998.
- WATSON, J. D. DNA. O segredo da vida. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2005.
- YALOM, I. D. A cura de Schopenhauer. Editora Ediouro. Rio de Janeiro, 2005.
- ZIMMER, C. O livro de ouro da evolução. O triunfo de uma ideia. Editora Ediouro. Rio de Janeiro, 2003.